

O novo momento brasileiro

Brasil

EUNÍCIO OLIVEIRA

Neste momento que um novo governo assumiu os rumos do País, ressaltamos que a maior inquietação de nosso povo é conviver com a hipótese do retorno da inflação, a qual continua a abalar a sociedade brasileira.

Cabe lembrar que não há indexação que possa assegurar uma estabilidade de social e econômica.

Todavia, a partir de 1º de julho deste ano, tivemos a edição do Plano Real, calcado nas bases e nos ideais do então ministro da Fazenda, dr. Fernando Henrique Cardoso. A partir daquele histórico dia, todos os pagamentos e recebimentos (compras, salários, mensalidades, prestações) passaram a ser feitos em reais, bem como os saldos bancários, as aplicações em cadernetas de poupança e fundos foram automaticamente convertidos na nova moeda.

Em tese, a estabilidade da economia e dos preços, que viriam com o real, propiciou a geração de novos empregos, a manutenção do poder aquisitivo dos salários e possibilitaria ao cidadão planejar sua vida com tranquilidade, por um prazo mais longo.

Dissemos em tese, mas cabe aqui lembrar, oportunamente, as palavras de André Mourois: "A inflação é diabólica porque destrói as realidades e mantém as aparências".

Soubemos, também, através dos chamamentos e dos alertas, advindos das autoridades, que, sem a colabora-

ção e conscientização do povo brasileiro, o sucesso do Plano Real estaria comprometido.

Para tanto, e de maneira hábil, o Governo, à época, estabeleceu como regra básica a paridade do real com o dólar americano, na proporção de um por um.

Entretanto, muitos dos incrédulos apostaram na falência do plano, alegando, de forma mordaz, que se tratava de mais uma "jogada" eleitoreira, uma vez que aproximava-se o maior processo eleitoral (15 de novembro) da história do Brasil.

Falava-se, a larga, em perdas e prejuízos, onde a conversão dos cruzeiros reais para o real teria sua abrangência tão-somente calcada em laudas e oratórias vãs.

Os banqueiros iam à loucura, os aposentados, mais uma vez, tornavam-se incrédulos, as donas-de-casa tratavam de estocar gêneros, e as crianças a tudo assistiam sem qualquer palavra, os cientistas econômicos tentavam reproduzir ou explicar os fatos financeiros. Enfim, todos se encontravam diante da mais grave expectativa após a era Collor.

Era um sistema (o plano) complexo demais para ser entendido e implantado na velocidade que era proposto.

Contudo, enquanto buscávamos novas maneiras de compreender aquela natureza dos fatos gerados, não pode-

ríamos abandonar a metáfora orgânica e mecanicista. Da metáfora orgânica, precisaríamos da idéia de história e do fim da individualidade.

Talvez não tivéssemos tido o tempo necessário para penetrar, mais fundo, nas lides econômicas para saber como resolver os nossos problemas, no momento que se apresentavam.

Porém, agora já convivemos há algum tempo com esta nova e maravilhosa realidade, com uma visão bastante otimista dos fatos.

O certo é que haveremos de manter a batalha pela manutenção do plano, e, por conseguinte, o poder aquisitivo da moeda pois, tanto a classe empresarial bem como a classe política são partes integrantes dessa tão necessária (ao povo) união nacional contra a inflação e o único antídoto é o Plano Real.

Dessa forma, torna-se imperativo, em nível nacional, que se reconstrua a sociedade brasileira e se retorne as normas de desenvolvimento, levando o nosso povo a ocupar o seu lugar de dignidade e honradez entre aqueles melhor favorecidos.

Para isso, só há uma diretriz a ser seguida, ou seja, hipotecar total confiança no próximo presidente da República, cuja paternidade do Plano Real, que lhe é imputada, também se estende a todo povo brasileiro.

- Eunício Oliveira é empresário e primeiro vice-presidente da Federação do Comércio de Brasília

26 NOV 1994

JORNAL DE BRASÍLIA